

MULTIPLICIDADE DE MOBILIDADES E MEMÓRIA SOCIAL:

A FEIRA DO BOIADEIRO NA ROCINHA COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA DO NORDESTE

Mariana Vieira Souza Pereira

Rafael Soares Gonçalves

RESUMO

O presente artigo investiga multiplicação de mobilidades a partir da Feira do Boiadeiro na Rocinha, adotando como lente analítica o paradigma das mobilidades, ou seja, entendendo a migração nordestina para o Sudeste além da mobilidade física, considerando também a multiplicidade de mobilidades que é possível observar a partir desse deslocamento. Para tanto, o estudo explora a relação entre mobilidade e memória social, compreendendo a Feira do Boiadeiro como um lugar de memória do Nordeste na favela da Rocinha. A metodologia utilizada combinou observação participante com a realização de entrevistas de história oral, tendo a feira como ancoradouro.

PALAVRAS-CHAVE: migração nordestina; Feira do Boiadeiro; favela da Rocinha; memória social; mobilidades.

ABSTRACT

This article investigates the multiplication of mobilities from Feira do Boiadeiro in Rocinha, adopting the mobilities paradigm as an analytical lens. We analyze the migration of Northeastern Brazilians to the Southeast region of the country by taking into account not only the physical mobility aspect, but also the multiplicity of mobilities that can be observed in this type of displacement. To this end, the study explores the relationship between mobility and social memory and considers Feira do Boiadeiro a site of memory of Northeastern Brazil in the Rocinha favela. The methodology used combined participant observation with oral history interviews, through the perspective of this street market.

KEYWORDS: Northeastern migration; Feira do Boiadeiro; Rocinha favela; social memory; mobility.

INTRODUÇÃO

A migração nordestina foi o principal movimento migratório interno no Brasil, sendo a migração inter-regional a forma de mobilidade mais expressiva (Valim, 2009),

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

especialmente a partir de 1950. De acordo com Brito (2006), os dados censitários disponibilizados pelo IBGE demonstram que, durante as décadas de 50 e 70, ocorreu um intenso deslocamento para o Sudeste originário da região Nordeste do Brasil.

Vários são os fatores que ensejam um deslocamento: questão demográfica, catástrofes naturais ou a busca por emprego e melhores condições de vida são algumas motivações (Boechat, 2020). Todavia, no que diz respeito a migração inter-regional nordestina, Villa (2017) menciona que este deslocamento foi também uma resposta ao problema da necessidade de mão de obra nas áreas em desenvolvimento no Brasil, com destaque para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo¹¹.

A escolha de residir na Rocinha justifica-se por representar uma opção mais barata de moradia diante da “crise urbana” (Maricato, 2015) e habitacional observada na época, ensejando em uma urbanização desigual (Santos, 2021). Diante deste cenário, a favela era considerada como “o poleiro final do pau-de-arara” (Araújo, 1972, p. 7), constituída por uma rede de apoio e solidariedade consolidada por outros migrantes. Jonas, hoje com 36 anos, nascido em Poeiras (CE) e morador da Rocinha há mais de 19 anos relatou durante sua entrevista que desde pequeno por volta dos 10 ou 12 anos já sonhava em completar 18 anos e vir para o Rio de Janeiro como fizera seus irmãos:

[...] No Nordeste é mais difícil de arrumar trabalho, mais complicado né? Aqui é mais fácil. Já tinha tipo uma pontinha oferecida, a casa do meu irmão. Já vinha um, abriga o outro e assim vai fazendo sucessivamente... (Entrevista realizada em novembro de 2023)

A expansão da Rocinha acompanhou períodos de “boom da migração nordestina para a favela¹², razão pela qual a Rocinha é conhecida popularmente como uma favela Nordestina. Alguns indícios corroboram essa afirmação, como: a existência de uma rota de ônibus direta Rocinha x Ceará; o toponímio¹³ do sub-bairro Largo do Boiadeiro; a

¹¹ A Região Sudeste era vista como a terra das oportunidades, uma nova Canaã (Araújo, 1972).

¹² ¹² A partir da década de 1950, houve um aumento de migração de nordestinos para o Rio de Janeiro, direcionando-se em parte para a Rocinha. Nas décadas de 1960 e de 1970, registrou-se um novo surto de expansão, agora devido aos projetos de abertura dos túneis Rebouças e Dois Irmãos, que contribuíram para uma maior oferta de empregos na região (Wikifavelas, 2025).

¹³ Refere-se ao nome próprio dos lugares, sendo considerada uma parte da linguística, envolvendo relações com a história, origem e evolução da localidade, arqueologia e geografia.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

feira livre do Boiadeiro;¹⁴ e o samba enredo “Rocinha minha vida, Nordeste minha história”, apresentado pelo Acadêmicos da Rocinha no ano de 2008. Todos estes pontos nos auxiliam em demonstrar a importância da Rocinha como destino e espaço de concentração cultural dos migrantes nordestinos (Pereira, 2025).

Deste modo, o estudo em tela foca sua análise na feira livre do Boiadeiro na Rocinha evidenciando a multiplicação de mobilidades para além do deslocamento humano, e indicando tal espaço como um lugar de memória da identidade nordestina. Logo, o objetivo geral deste artigo é investigar a multiplicação de mobilidades e sua relação com a memória social, tendo três objetivos específicos que irão auxiliar no desenvolvimento da investigação, quais sejam: identificar e analisar os fluxos a partir da feira do Boiadeiro; investigar, por meio das entrevistas de história oral, o papel da feira do Boiadeiro como lugar de memória; e discutir como a fixação espacial da feira opera como uma condição de mobilidade simbólica da cultura nordestina, perpetuando o sentimento de pertencimento em um contexto migratório.

É válido mencionar ainda que a pesquisa adota o paradigma das mobilidades (Sheller; Urry, 2006) como lente analítica, ou seja, trata-se de um esforço para abranger a complexidade do movimento, propondo uma “mobilidade irrestrita de pessoas, coisas e signos” (Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 124). Assim, a multiplicidade de mobilidades¹⁵ de que trata o estudo versa sobre o cruzamento de diferentes dimensões — físicas, sociais, simbólicas, sonoras — que se conectam a partir do movimento migratório.

A metodologia escolhida tem como inspiração Mendes (2021) e Buscher e Veloso (2018), compreendendo a mobilidade como um fenômeno central na produção da sociedade, privilegiando, portanto, os métodos móveis para produção e análise dos dados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa à medida que se aprofunda no mundo dos significados (Minayo, 2016), onde a revisão bibliográfica foi realizada de modo

¹⁴ [...] realizada todos os domingos, é uma tradição que remonta aos anos de 1970. Com sotaque nordestino, a Feira Livre do Boiadeiro atravessou gerações, oferecendo para venda uma variedade de produtos, além de apresentações artísticas e culturais abertas ao público (WikiFavelas, 2025).

¹⁵ Entende-se por multiplicidade de mobilidades, no caso concreto do artigo, a mobilidade de ideias, bens, culturas e memórias apenas para citar alguns exemplos.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

sistemático durante todo o processo. Para a produção de dados, foram utilizados os métodos da observação participante, considerando uma “participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada” (Gil, 2008, p. 103) e a história oral por ser uma técnica utilizada para registrar e analisar memórias.

Sobre esta técnica, Portelli (2010) recorda que

[...] Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder, sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra (Portelli, 2010, p. 2).

A entrevista de história oral contou com 07 participantes, todos migrantes nordestinos de primeira geração que residem ou residiram na Rocinha durante sua chegada ao Rio de Janeiro com a finalidade de entender três momentos distintos deste deslocamento: como era sua vida no Nordeste e o que motivou o seu deslocamento; como foi a chegada ao Rio de Janeiro e, por fim, a sua percepção sobre a importância e a representatividade da feira do Boiadeiro para os migrantes que residem na favela da Rocinha.

Para tanto, o texto proposto foi organizado em 03 eixos. Inicialmente a feira do Boiadeiro será abordada como um ancoradouro de mobilidades, destacando como neste espaço é possível observar a mobilidade de bens, práticas/ rituais e capital/redes. Na segunda parte, será apresentado o Nordeste recriado dentro da “maior e mais conhecida favela do Brasil” (Cruz; Siciliano, 2021, p. 12) a partir do conceito de lugar de memória desenvolvido por Nora (2012). Por fim, será discutida a relação entre (i)mobilidade e mobilidade, analisando de que modo a feira como espaço físico contrasta com a mobilidade simbólica da cultura nordestina.

A FEIRA COMO ANCORADOURO DE MOBILIDADES

A mobilidade possui um espaço central da sociedade contemporânea podendo ser compreendida como “movimento-real ou imaginado — constituído por intenções,

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

estratégias e escolhas” (Freire-Medeiros et al., 2018, p. 2). Logo, a mobilidade envolve outros aspectos para além da mobilidade humana e geográfica, na medida em que:

os mundos sociais passam a ser vistos, em suas diferentes escalas, como constituídos por e constituintes de fluxos, circulações, “engatamentos” (temporários ou infraestruturais), entre elementos humanos e não humanos (Freire-Medeiros et al., 2018, p. 6).

À vista disso, para desenvolvimento do presente estudo, guiados pelas formulações da chamada virada das mobilidades, utilizamos a metáfora do ancoradouro¹⁶ para discutir a multiplicação de mobilidades observadas na Rocinha a partir da migração nordestina. Segundo Freire-Medeiros e Pinho (2024), o ancoradouro pode ser compreendido como “um recurso particularmente útil quando se quer abordar, a partir de uma localidade específica, conexões translocais e regimes de mobilidades”¹⁷ (p.6).

Assim, a feira do Boiadeiro foi eleita como este lugar privilegiado de observação por ser um espaço dinâmico que nos possibilita esquadrinhar “as mobilidades dos corpos e das coisas” (Freire-Medeiros; Pinho, 2024, p. 4). Conforme destaca Pereira (2025) em sua pesquisa sobre a feira do Boiadeiro,

entre as barracas que disponibilizam para venda itens variados e coloridos, observa-se ainda o intenso fluxo de pessoas e os sons que se misturam: o pregão dos vendedores chamando atenção para os seus produtos, especialmente na hora da xepa; o barulho das sacolas; as risadas de quem encontra um conhecido pelo caminho; as conversas e as músicas. (Pereira, 2025, p. 77)

Somado as mobilidades observadas na feira, foi possível identificar durante o período de observação participante pontos de ancoragem, ou seja, instrumentos materiais que geram representações sociais identificando características nordestinas na favela da Rocinha e corroborando na construção de sua identidade, tais como: barracas de carnes variadas, temperos, garrafadas, ervas medicinais, cachaça entre outros; aviário

¹⁶ “Artifício para descrição e análise das mobilidades interdependentes de diversos elementos (humanos e não humanos), das conexões e redes multisituadas e multiescalares. A espacialidade empírica a que ele se refere necessariamente ocupa um posicionamento estratégico tanto em termos de concentração de fluxos e fixos, quanto na complexidade do regime de mobilidades que ali opera. No ancoradouro, interações em copresença e a distância assumem a mesma relevância analítica” (Freire-Medeiros; Pinho, 2024, p. 7).

¹⁷ “Enquadram e definem as práticas de movimento, assim como disputam os sentidos subjetivos das mobilidades” (Freire-Medeiros; Pinho, 2024, p. 7).

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

do Zé bode; loja Nossa Casa Nordestina, com produtos típicos da região e os bares tocando forró nas vielas transversais.

Figura 1 - Mapa Mental da Feira do Boiadeiro na Rocinha



(Fonte: Pereira, 2025, p. 79)

Registra-se ainda que durante as entrevistas, os interlocutores, ao relembrem sua história de vida, mencionaram como algumas expressões observadas na Feira do Boiadeiro os transportam para as memórias de sua terra natal, gerando um sentimento de identidade e pertencimento. Cleonice, nascida em Jacareci (BA) e moradora da Rocinha a 40 anos, durante a entrevista realizada no domingo na Feira do Boiadeiro, compartilhou muitas memórias da sua terra de origem e com a voz embargada de emoção afirmou:

[...] Quando a gente quer comer alguma coisa diferente, vamos no Boiadeiro comprar. Eu gosto de vir aqui na feira... Eu tenho essa lembrança quando eu venho aqui... Eu vejo essas comidas aqui, eu lembro de lá (Cleonice, entrevista realizada em novembro 2023).

Sr. Edmundo, morador da Rocinha há 32 anos, migrou para o Rio de Janeiro por uma questão de sobrevivência, pois a vida no interior, em Carnaebal (CE), era muito difícil e

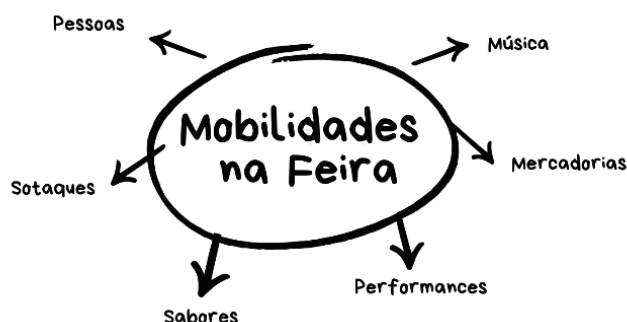
Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

tinha falta de tudo. Ele nos conta sobre a importância da feira para interação com outros conterrâneos que também residem na Rocinha.

A feira é uma maravilha, uma delícia... Todos os domingos, bem cedinho, vou à feira para comprar o carneiro e as verduras para fazer o almoço de domingo. (...) Encontro os amigos, tomo uma cerveja, bato um papo (Sr. Edmundo, entrevista realizada em janeiro 2025).

Portanto, restou demonstrado de que modo a feira, com toda a sua dinâmica, evidencia múltiplas mobilidade: de bens (comidas, artesanatos); prática/rituais (música, sotaques); e capital/redes, tendo em vista que a mobilidade é um fenômeno social complexo que mescla diferentes dimensões (Sheller; Urry, 2006).

Figura 2 - Mapa Mental das mobilidades observadas na Feira do Boiadeiro na Rocinha



(Fonte: Pereira, 2025, p. 76)

O NORDESTE RECRIADO: A FEIRA DO BOIADEIRO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

O Nordeste é uma região heterogênea, ou seja, possui uma diversidade de práticas e costumes. Deste modo, ao estudar a identidade nordestina, Albuquerque Junior (2011) conclui que sua construção ocorreu no decorrer dos anos reunindo fatores sociais e culturais,

A elaboração da região se dá, no entanto, no plano cultural mais do que no político. Para isso, contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa “elite regional” desterritorializada, no esforço

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região. [...] O Nordeste é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras de romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres etc. (Albuquerque Junior, 2011, p. 35).

A tradicional feira do Boiadeiro, que acontece semanalmente aos domingos no Largo do Boiadeiro, carrega elementos variados que constituem os quadros sociais da memória¹⁸ dos migrantes nordestinos que residem na Rocinha. Ela pode ser comparada à feira de mangaio¹⁹, uma das referências da cultura nordestina. Halbwachs (1990), ao refletir sobre os quadros sociais da memória, afirma que através dessa estratégia o passado é relembrado pelos indivíduos, fornecendo um cenário e um conjunto de referências para a memória.

Durante o período de imersão no campo, junto com as entrevistas de história oral, observou-se esse exercício da memória a partir da feira. Os migrantes de primeira geração criaram o costume de ir à feira todo domingo, bem cedo, fazer suas compras, comer uma tripa e tomar uma cervejinha, encontrar os amigos e relembrar sua terra natal. Em uma das visitas à feira, enquanto conversávamos com Dona Lúcia em sua barraca de temperos e produtos medicinais, chegou um senhor — frequentador assíduo da feira e freguês da Dona Lúcia — e começou a conversar conosco. Ele contou que era nascido em Campina Grande (PB) e que há muitos anos residia na Rocinha. Ele, aliás, fez questão de enfatizar que todo domingo, bem cedo, ia à feira para comprar seus queijos frescos, porque, segundo ele, “nordestino come queijo com vinho”.

Em outra oportunidade, conversando com o Jonas, ele ~~me~~ nos descreveu o que é possível encontrar na Feira do Boiadeiro que o remete ao Nordeste, citando: “rapadura, farinha, milho para fazer manguzá”; e ainda é possível encontrar “forrozinho da seresta, pessoal com a viola, o triângulo”, destacando que “todos os domingos têm na feira a

¹⁸ Os quadros sociais da memória podem ser compreendidos como estruturas sociais que modelam e induzem a maneira como as pessoas recordam o passado, uma vez que a memória é construída socialmente, não sendo um fenômeno individual apenas. (Pereira, 2025, p. 79)

¹⁹ A feira de mangaio “é uma feira da região Nordeste que comercializa produtos artesanais de grande variedade, desde produtos domésticos à agropecuária e fármacos, ou seja, uma feira livre” (Taveira, 2020, p. 214)

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

seresta com as músicas típicas do Nordeste.” (Entrevista realizada em novembro de 2023).

Todos estes relatos demonstram que as memórias compartilhadas ensejam um sentimento de pertencimento e união entre um determinado grupo contribuindo para a construção da sua identidade. Nesse sentido, Pollak (1992), ao dialogar com Halbwachs (1990), destaca a relação singular e de proximidade que existe entre memória e identidade.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si. (Pollak, 1992, p. 5).

Logo, a feira do Boiadeiro pode ser compreendida como um lugar de reafirmação da identidade nordestina, mantendo viva a região para os migrantes da Rocinha na medida em que retrata um pouco a cultura nordestina, conservando a memória desse grupo. Segundo Angelo et al. (2020), a feira “identifica o povo sertanejo, demonstrando suas formas, rituais e amplitude de significados” (p. 174).

Por esta razão, a feira do Boiadeiro é considerada um lugar de memória, um local onde a memória ganha forma (Nora, 2012). Nas palavras de Pinto e Salztrager (2022):

os ‘lugares de memória’ são tidos como lugares que se fazem com foco na almejada manutenção de identidades, com o sentido de preservação de memórias e de pertencimento a um grupo. (...) Nesses lugares, por meio de símbolos, objetos, performances e manifestações, propõe-se o fortalecimento de laços de grupos que se perderam a partir das mudanças sociais contemporâneas (Pinto e Salztrager, 2022, p. 429).

Corroborando com esta conclusão, Jonas, morador da Rocinha, compartilhou durante a entrevista que ir aos domingos à feira faz parte da sua rotina, enfatizando que considera a feira o ponto estratégico do Largo do Boiadeiro por fortalecer a cultura nordestina, afirmando que tudo que você procurar do Nordeste é possível encontrar ali.

Domingo, todo mundo ali, a galera toda para comer aquelas comidas nordestinas, o sarapatel que o povo faz ali na hora [...] bebendo uma cervejinha de manhã, comendo o sarapatel. Aí vem aquela lembrança do nordeste mesmo. (Entrevista realizada em novembro de 2023).

MOBILIDADE EM CONTRAPOSIÇÃO COM A IMOBILIDADE

Conforme restou evidenciando, toda efervescência da cultura nordestina observada na favela da Rocinha, em especial na feira do Boiadeiro é uma consequência direta da mobilidade de costumes e tradições trazidas pelos migrantes por intermédio de suas práticas sociais. Assim, as múltiplas mobilidades — materiais e simbólicos/culturais — observadas na feira se contrapõem à (i) mobilidade da própria feira, conforme será demonstrado a seguir.

Tendo como lente analítica o paradigma das mobilidades, compreendemos que a mobilidade está no centro da sociedade contemporânea — uma sociedade dinâmica e com fluxos intensos. No caso do estudo em tela, restou evidenciado que a cultura nordestina na Rocinha, materializada na Feira do Boiadeiro, é resultado direto do processo migratório que a favela experimentou e que, para além do deslocamento físico, existe também a mobilidade cultural trazida pelos migrantes. Entretanto, a chave de análise proposta reside na contraposição da multiplicidade de mobilidades observada na Feira do Boiadeiro com a (i) mobilidade da feira em si, um evento realizado semanalmente ao longo de décadas e sem interrupções por todo o Caminho do Boiadeiro.

Ao apresentar um relato sobre a Feira do Boiadeiro, o Museu Sankofa da Rocinha compartilha em seu website que “a Rocinha tem no Largo do Boiadeiro, todo domingo, uma feira com muitos produtos e características nordestinas, muito abrangente na sua extensão e nas suas mercadorias” e ressalta que, de acordo com moradores,

[...] a feira começa na época do Governo Chagas Freitas (anos 1970) que apoiou a iniciativa do Sr. Jonas, o organizador inicial do comércio ao ar livre. Hoje, sob toldos coloridos improvisados, uma multidão se espreme todo domingo entre as mais de 150 barracas montadas no Caminho do Boiadeiro, na Rocinha (Museu Sankofa Rocinha, 2024).

Isto posto, registramos que o paradigma das mobilidades oferece o arcabouço teórico para desconstruir essa aparente contradição, ofertando uma nova forma de interpretar a (i) mobilidade. A (i) mobilidade não foi investigada como ausência de movimento, mas como a infraestrutura de estabilidade necessária para o movimento cultural duradouro, ou seja, a Feira do Boiadeiro foi estudada como ancoradouro.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

Essa parada fixa e previsível no espaço-tempo — todo domingo, no mesmo local — é o que permite a repetição e a consolidação dos fluxos imateriais. Sublinha-se que sem a tradição de sua realização todos os domingos por toda a extensão do Caminho do Boiadeiro, a "efervescência da cultura nordestina" correria o risco de se diluir na fluidez da cidade. A feira se torna, assim, um local de pertencimento onde a identidade e a memória do Nordeste encontram um ponto seguro para desdobramento. A (i)mobilidade da feira, sua tradição, não é um obstáculo à mobilidade; ao contrário, é o seu suporte institucional informal, pois permite a mobilidade simbólica da cultura nordestina ao se destacar como um local de sociabilidade "onde se catalisam as relações culturais, de memória e de identidade de grupos" (Pinto, 2018, p. 12).

Em suma a Feira do Boiadeiro é a manifestação física da mobilidade simbólica sobre a imobilidade geográfica. A cultura nordestina, trazida pelo deslocamento dos nordestinos para a Região Sudeste, encontrou um ancoradouro, um ponto de conexão para novos fluxos. O paradoxo entre a multiplicidade de mobilidades observadas na feira e a (i)mobilidade da própria feira é, na verdade, uma relação dialética de dependência. Isto é, a estabilidade do evento semanal garante a fluidez e a permanência das tradições e costumes. Desta forma, a feira é compreendida além da compra e venda de mercadorias, mas como um território em movimento, onde a memória viaja no tempo e a identidade é constantemente construída a cada domingo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo em tela buscou ir além da análise rasa e simples do deslocamento humano, elegendo o paradigma das mobilidades como lente analítica para investigar a complexa dinâmica sociocultural da Feira do Boiadeiro, realizada semanalmente na Rocinha. O objetivo geral foi compreender como esta feira livre evidencia uma multiplicidade de mobilidades para além do deslocamento geográfico, operando simultaneamente como lugar de memória para os migrantes nordestinos que residem na favela.

A investigação cumpriu seus objetivos específicos ao demonstrar a complexa

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

relação entre fluxo, identidade e (i)mobilidade. Inicialmente, foram analisados os fluxos a partir da Feira do Boiadeiro, revelando uma intensa circulação de bens, práticas/rituais e capital/redes. A feira foi investigada como ancoradouro de múltiplas mobilidades e não apenas como comércio, local destinado a compra e venda de mercadorias. Os pregões, os sotaques, as comidas típicas e as barracas com a venda de itens variados, como carnes, temperos, garrafadas e ervas medicinais, são manifestações concretas da mobilidade de bens e práticas que recriam o Nordeste no Sudeste, conforme evidenciado durante o período de observação participante e nos relatos dos entrevistados.

Em seguida, a pesquisa confirmou o papel da feira como um lugar de memória, na medida em que funciona como um quadro social da memória, onde as lembranças da terra natal se mantêm vivas através da memória coletiva e da sociabilidade experimentada na feira aos domingos. Ao consumir o sarapatel ou o queijo fresco, ao ouvir o "forrozinho da seresta", os migrantes nordestinos que residem na Rocinha reafirmam sua identidade e fortalecem o senso de pertencimento, recriando assim o Nordeste no coração da maior favela do Brasil.

Por fim, durante a última seção, o estudo cumpriu o objetivo de discutir como o espaço físico da feira opera como uma condição de mobilidade simbólica da cultura nordestina. A (i)mobilidade da feira, sua realização ininterrupta ao longo dos anos e sua localização fixa no Caminho do Boiadeiro, atuam como ancoradouro que garante a fluidez e a permanência das tradições. Assim, o paradoxo inicialmente observado entre a multiplicidade de mobilidades e a (i)mobilidade da própria feira é, na verdade, uma relação dialética de dependência, uma vez que sua fixação catalisa os fluxos simbólicos, permitindo sua repetição e solidificando o sentimento de pertencimento por parte dos migrantes.

Destaca-se ainda que a Feira do Boiadeiro, realizada na Rocinha, evidencia que o regime de mobilidades em contextos migratórios é moldado pela capacidade da comunidade de criar suas próprias infraestruturas de estabilidade, demonstrando a potencialidade das favelas. Em síntese, a Feira do Boiadeiro deve ser vista e compreendida para além de um local de comércio, mas como um território em movimento, onde é possível observar um fluxo contínuo de culturas, memória e

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

interações, comprovando que, na favela da Rocinha, o Nordeste está não apenas vivo, mas se move e se fixa a cada domingo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; FOGAÇA, Isabela de Fátima; BARBOSA, Conceição Aparecida. O Rio de Janeiro “nordestino: representações, subjetividades e saberes sobre a cidade. **Revista Confluências Culturais**, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/122>.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Pentateuco Nordestino (Um Estudo Sobre Migrações Internas)**. São Paulo, ed. Brasiblos, 1972.

BOECHAT, Lorena Pereira Oliveira. **O Sistema Interamericano de Direitos Humanos e a migração forçada**: perspectiva de complementariedade nas situações de refúgio e deslocamento interno / Lorena Pereira de Oliveira Boechat; Prefácio de César Augusto S. da Silva. – 1. ed. – Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

BRITO, Fausto. **O deslocamento da população brasileira para as metrópoles**. Estudos avançados 20, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a17v2057.pdf>. Acessado em 21 jun. 2023.

BUSCHER, M.; VELOSO, L. **Métodos Móveis**. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 133–151. 2018.

CRUZ, Alessandra Silveira; SICILIANO, Tatiana Oliveira. **A Rocinha e a Cidade**: Território, Memória e Visibilidade em Disputa. Rio de Janeiro, 2021, 139 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. DA S.; ALLIS, T. Por uma teoria social on the move. Tempo Social, v. 30, n. 2, p. 1–16, ago. 2018.

FREIRE-MEDEIROS, B.; LAGES, M. P. **A virada das mobilidades**: fluxos, fixos e fricções. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 123, p. 121–142, 1 dez. 2020.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A metrópole do capital de rede**: mobilidades socioespaciais e iniquidades urbanas. Cad. Metrop., São Paulo, v. 26, n.60, pp. 423-442, maio/ago 2024. <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2024-6002>.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

FREIRE-MEDEIROS, B., PINHO, I. V. Ancoradouro para pesquisas móveis: navegando o sistema de automobilidades a partir do Porto de Santos. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 12, 2024 – e-rbs.1031. <https://doi.org/10.20336/rbs.1031>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MENDES, V. de S. Dançando pela cidade: fraternidades folclóricas bolivianas em São Paulo. Périplos: **Revista de Estudos sobre Migrações**, v. 5, n. 2, 1 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/ Maria Cecília de Souza Minayo (org.); Suelly Ferreira Deslandes; Romeu Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MUSEU SANKOFA ROCINHA. **Guia Rocinha Histórica: Feira do Boiadeiro**. 26 fev. 2024. Disponível em: <https://museusankofarocinha.com.br/guia-rocinha-historica/feira-do-boiadeiro/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

NORA, P.; AUN KHOURY, T.Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/1210>

PEREIRA, Mariana Vieira Souza. **Vozes nordestinas na Rocinha: a feira do Boiadeiro como lugar de memória e ancoradouro da identidade nordestina da favela** / Mariana Vieira Souza Pereira; orientador: Rafael Soares Gonçalves. Dissertação de Mestrado (Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

PINTO, Rodrigo Sampaio. **Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias**: a feira de Caxias como parâmetros de resistência cultural e social. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PINTO, Rodrigo Sampaio e SALZTRAGER, Ricardo. **O Nordeste e os nordestinos representados no Rio de Janeiro**: Uma análise em torno das produções de memória e identidade presentes na feira de São Cristóvão e na feira de Caxias. *Tempo Psicanalítico*, v.54, n.2, 2022, p.419–440, in: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/744>.

Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FVG, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine, Vol. 6, n. 2, 2010, p. 2–13.

SANTOS, Milton. **A urbanização Desigual: A Especificidade do Fenômeno Urbano em Países Subdesenvolvidos**. Tradução de Antônia Déa Erdens e Maria Auxiliadora d Silva, 3. ed. 3. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

SHELLER, M., & URRY, J. **The new mobilities paradigm**. Environment and Planning A, volume 38, p. 207–226, 2006.

TAVEIRA, Thalita Rose Tamiarana Gadelha. **Uma análise etnolinguística da música “Feira de Mangaio” de Sivuca e Glorinha Gadêlha**. Revista Interfaces, Juazeiro do Norte, v. 11, n. 2, p. 211–218, 2020.

VALIM, Ana. **Migrações – da perda da terra à exclusão social**. 11.^a ed. São Paulo: Atual, 2009.

VILLA, Marco Antonio. **Quando eu vim-me embora: história da migração nordestina para São Paulo**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

SOBRE OS AUTORES

Mariana Vieira Souza Pereira

Doutoranda em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS/ PUC-RIO).
marianavieiraadvogada@gmail.com

Rafael Soares Gonçalves

Professor do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bolsista de produtividade do CNPQ e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.
rafaelsgoncalves@yahoo.com.br